

PRÁTICAS POPULARES DE CUIDADO NA ERA DIGITAL: DESAFIOS PARA A PSICOLOGIA E A SAÚDE COLETIVA

GABRIEL LIMA DE ALMEIDA¹; LUCAS MATILDE ALMEIDA²; MARIA EDUARDA DE SOUZA COSTA³; RODRIGO KICKOFEL STEINHORST⁴; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – gabriellimars012@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucas.almeida2001@outlook.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – dudac9361@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rodrigo.kickofel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A construção e circulação de saberes não se restringem ao ambiente acadêmico-científico, mas se manifestam em múltiplas formas nas práticas cotidianas, nas relações comunitárias e nos modos tradicionais de cuidado, expressão e sobrevivência. Os saberes e práticas populares emergem como tecnologias sociais ancestrais, transmitidas oralmente por meio de narrativas, rituais, gestos e experiências coletivas, e ganham novas formas de expressão e permanência nas mídias digitais. Nesse contexto, a psicologia é convocada a refletir criticamente sobre os modos de subjetivação, cuidado e resistência que se articulam fora dos cânones institucionais, e a reconhecer a potência desses saberes na produção de saúde e pertencimento.

No campo da saúde e da psicologia, práticas como o uso de plantas medicinais, rezas, benzimentos, mutirões de cuidado e redes de apoio informal desafiam modelos biomédicos hegemônicos e revelam epistemologias alternativas de cuidado, afeto e cura. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, reconhece a importância de saberes não biomédicos no cuidado em saúde, aproximando-se do que Nego Bispo (2019) conceitua como pedagogia das encruzilhadas: um modo de compreender e praticar o conhecimento que valoriza a diversidade das experiências e saberes coletivos, em oposição à lógica colonizadora que busca homogeneizar práticas e narrativas. Tais práticas não apenas revelam formas plurais de viver, mas também constroem territórios psíquicos e sociais de resistência diante da colonialidade do saber e das violências históricas sofridas por populações marginalizadas.

A ascensão das mídias digitais como ambientes de compartilhamento simbólico amplia o alcance da oralidade contemporânea, tornando plataformas como Instagram, TikTok e YouTube em espaços legítimos de reinvenção e transmissão dos saberes populares. Jovens de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e periféricos utilizam as redes como dispositivos de memória, identidade e denúncia, mas também como formas de cuidado coletivo. Nesse mesmo cenário, emergem influenciadores digitais como Felca, que ao usar a internet e a crítica social para denunciar práticas de adultização do público infantil nas mídias digitais, exemplifica o potencial das mídias digitais nas construções de debates sociais, culturais, políticos e acadêmicos. Suas narrativas, ao circular em linguagem acessível, mobilizam reflexões críticas e dialogam com um público amplo através desse debate, demonstrando o poder benéfico da internet quando utilizada para o crescimento social e para o questionamento de estruturas de dominação.

Assim, práticas populares e iniciativas digitais críticas ganham visibilidade e ressignificação, ao mesmo tempo em que são atravessadas por disputas de poder, mercado e algoritmos, tensionando os limites entre cultura e mercantilização da ancestralidade. Neste trabalho, propomos refletir sobre a relação entre saberes populares, saúde, psicologia e mídias digitais, discutindo suas implicações para o campo da formação, da clínica e das políticas públicas. Buscamos, assim, contribuir para uma psicologia que dialogue com o território, reconheça saberes historicamente marginalizados e se comprometa com práticas mais plurais, éticas e emancipatórias.

A fundamentação teórica deste estudo parte da compreensão de que os saberes populares constituem formas legítimas de produção de conhecimento, que atravessam tanto a vida comunitária quanto os processos de cuidado em saúde e psicologia. Autores como FREIRE (1996), BRANDÃO (2002) e NEGO BISPO (2019) destacam que o conhecimento não se restringe ao espaço acadêmico, mas se constrói na experiência cotidiana, na oralidade e nas práticas coletivas. Nesse sentido, as práticas populares de cuidado, como rezas, benzimentos, uso de plantas medicinais e mutirões comunitários, configuram-se como epistemologias alternativas que desafiam a hegemonia biomédica e revelam uma pedagogia das encruzilhadas (NEGO BISPO, 2019). No contexto contemporâneo, as mídias digitais se tornam novos territórios de circulação desses conhecimentos, atualizando a tradição oral e ampliando a visibilidade de narrativas historicamente marginalizadas (JUNGES et al., 2011; CORDEIRO, 2024). Assim, compreender as práticas populares de cuidado na era digital exige reconhecer sua potência de resistência e emancipação, mas também refletir sobre os riscos de mercantilização e apropriação desses saberes em ambientes mediados por algoritmos. Essa abordagem crítica contribui para pensar uma psicologia e uma saúde coletiva comprometidas com a diversidade cultural, a equidade e a construção de políticas públicas mais plurais e participativas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades desenvolvidas pelo PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, a priori, foram orientadas a partir de uma perspectiva contrária ao modelo hegemônico de difusão de conhecimento, na qual o diálogo, a escuta ativa e a horizontalidade constituem instrumentos metodológicos centrais para a construção coletiva de saberes. Partindo da concepção de que o conhecimento popular não deve ser compreendido como objeto de registro isolado, mas como experiência viva, que circula e se ressignifica em diferentes linguagens e contextos (FREIRE, 1996; BRANDÃO, 2002; BISPO, 2019), o grupo buscou construir espaços de visibilidade e reconhecimento para vozes historicamente silenciadas, reafirmando a potência dessas narrativas como produtoras de memória, cultura e saúde comunitária, abrindo espaço para refletirmos sobre novas formas de difusão de conhecimento e práticas populares de cuidado na arte, cultura, psicologia, saúde e educação.

No campo das mídias digitais, destacam-se iniciativas como a produção de conteúdos informativos no Instagram do PET e a realização do podcast “Fronteiras”, ambos entendidos como recursos pedagógicos e culturais que recriam a tradição da oralidade em ambientes contemporâneos. Essas produções têm como objetivo não apenas a difusão de informações, mas a valorização da história popular, dos modos de vida e das práticas culturais de diferentes grupos sociais, criando uma rede de circulação de saberes que se aproxima das

dinâmicas próprias das culturas orais, ao mesmo tempo em que dialoga com os formatos da comunicação digital (JUNGES, 2011; CORDEIRO, 2024).

O processo de execução dessas atividades seguiu diferentes etapas, envolvendo desde reuniões internas de planejamento e escuta coletiva até a construção de roteiros de ação que priorizaram a valorização da memória, da diversidade cultural e da pluralidade de perspectivas. A metodologia adotada buscou evitar enquadramentos normativos ou reducionistas, privilegiando sempre a construção das narrativas com os sujeitos sociais envolvidos. Os conteúdos digitais são produzidos coletivamente em articulação com o grupo responsável pela comunicação do grupo PET Fronteiras.

As postagens do grupo são produzidas a partir de conceitos, histórias e relatos com a presença de convidados externos, especialmente quando cita-se o Podcast a exemplo, como mestres de saberes populares, pesquisadores e representantes de comunidades tradicionais, visando a troca de experiências e o fortalecimento de vínculos comunitários, dialogando com o compromisso do PET de romper fronteiras institucionais e fortalecer os laços entre universidade e sociedade, promovendo, assim, a circulação de narrativas que, na maior parte das vezes, permanecem invisibilizadas nos meios oficiais de divulgação científica e cultural.

Em termos metodológicos, o projeto fundamentou-se na pedagogia das encruzilhadas (BISPO, 2019), que compreende o conhecimento como prática enraizada nas territorialidades e nas experiências coletivas. Nesse sentido, o diálogo com a WikiFavelas mostra-se potente ao articular narrativas populares em ambientes digitais, conectando resistências comunitárias à memória coletiva. Essa abordagem permitiu que as atividades não fossem restritas à transmissão de informações, mas configurassem processos de construção colaborativa e crítica. O uso combinado de mídias digitais e espaços presenciais foi entendido como estratégia política e pedagógica, capaz de potencializar a história popular contada por aqueles que raramente têm oportunidade de ser ouvidos.

Dessa forma, as atividades realizadas pelo PET Fronteiras reafirmam o compromisso do grupo em cultivar os saberes e práticas populares não como registros estáticos do passado, mas como campos vivos de produção de sentido que se atualizam continuamente diante de novos meios de expressão. Ao articular memória, oralidade, tecnologias digitais e práticas comunitárias, o grupo contribui para a valorização de perspectivas diversas, para a construção de uma psicologia e de uma educação pluralizada, que visa o fortalecimento da universidade como espaço comprometido com justiça social, diversidade cultural e emancipação coletiva.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados neste estudo evidenciam que os saberes populares constituem um patrimônio imaterial essencial para a construção de práticas mais humanas, contextualizadas e inclusivas nos campos da educação, da psicologia e da saúde. Longe de se oporem ao conhecimento científico, esses saberes se mostram complementares, uma vez que possibilitam a valorização das experiências de vida, das tradições e das narrativas comunitárias, contribuindo para práticas mais próximas da realidade social e cultural das populações atendidas.

No contexto contemporâneo, marcado pela ampla presença das mídias digitais, observa-se que estas plataformas configuram novos espaços para a

manutenção da tradição oral, da escuta e do diálogo intergeracional. Contudo, esse cenário não pode ser analisado de maneira ingênua: as grandes corporações de tecnologia — as chamadas big techs — desempenham um papel central na mediação e circulação desses conteúdos, orientando fluxos de informação a partir de lógicas algorítmicas que privilegiam engajamento e consumo em detrimento da diversidade cultural. Assim, embora possibilitem a ampliação das vozes historicamente marginalizadas e a democratização do acesso ao conhecimento, tais plataformas também impõem riscos concretos, como a captura mercadológica dos saberes tradicionais, a superficialização dos discursos e a reprodução de desigualdades de acesso digital.

Essas reflexões dialogam diretamente com os princípios do PET Fronteiras e do Sistema Único de Saúde (SUS), que defendem a integralidade, a equidade e a participação social como pilares fundamentais. O aprendizado conjunto entre saberes populares e científicos reforça a necessidade de abordagens interdisciplinares e práticas formativas que contemplem a realidade concreta das comunidades, mas que também sejam críticas quanto às dinâmicas de poder que estruturam o ambiente digital. Nesse sentido, torna-se urgente refletir sobre o impacto das big techs na mediação do conhecimento, bem como sobre a importância de políticas públicas que regulem o uso dessas plataformas, garantindo que a circulação de saberes não se reduza a interesses corporativos.

Como lição aprendida, destaca-se a potência do encontro entre o saber científico e os saberes cotidianos, mostrando que a produção de conhecimento é um processo dinâmico, plural e em constante reconstrução. Contudo, para que esse processo se mantenha ético, participativo e transformador, é necessário tensionar criticamente o papel das tecnologias digitais e das corporações que as controlam. Dessa forma, reafirma-se que o diálogo entre tradição e ciência, aliado a um uso consciente e regulado das mídias digitais, pode fortalecer práticas educativas e de saúde mais humanas, inclusivas e emancipatórias, capazes de resistir às forças homogeneizadoras do mercado global.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CORDEIRO, Hésio. **Promoção da saúde: um posicionamento na perspectiva da educação popular no contexto brasileiro**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.34, n.1, p.1-20, 2024.

JUNGES, José Roque; BARBIANI, Rosangela; SOARES, Natália de Ávila; FERNANDES, Raquel Brondísia Panizzi; LIMA, Marília Schreck de. **Saberes populares e cientificismo na estratégia saúde da família: complementares ou excludentes?** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.16, n.11, p.4327-4335, nov. 2011.

BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UnB, 2019.